

xou por um punhal) vês este punhal?. Olha para sua ponta tão aguda, sabe que ella ha-de picar-te as entranhas. Tu não tens mulher, mas tens filha tu me entendes..... velho. — Espera.

Dizendo estas palavras D. Braz olhou para o corpo de Dolores cuja alma já estava na eternidade e disse: veja como vai se cumprindo meu intento; tua filha já não existe! Sinto não ter ella succumbido aos meus golpes!! Agora ajustemos as nossas contas. — Cravou o punhal no Senhor de Vilhena, e retalhou-lhe o corpo; delirante, pôz ás costas o corpo de D. Juan e desapareceu.

No dia seguinte a esta catastrophe os Sinos de Madrid dobravam e celebravam-se as exequias de D. Juan de Montalvar, de D. Simão de Vilhena e de sua Filha.

Em uma manhã encontrou-se um homem estirado sobre a sepultura do Sr. de Montalvar.

Era o finado D. Braz.

UMA VIAGEM

NA BARCA DE VAPOR.

São oito horas e meia, e o almoço ainda não está na meza! O Estulano, apressa-te; so tenho meia hora antes que a Barca das 9 parta! Chega o almoço, depois de ter o rapaz quebrado uma chúcaro com a pressa; assento-me; entorno o prato dos bifes; escaldo a boca com o chá; enfio a casaca, e eis-me na rua andando quasi correndo para não ficar logrado. Na verdade, nada ha tão descomixado como o chegar-se na ponte no momento que a Barca acaba de largar, fica-se olhando para ella com cara de tolo, como a de uma criança quando vê o passarinho fugir-lhe da mão. Para não me acontecer outro tanto, enfio pela rua da Cadêa como um foguete, atravesso a rua da Misericordia, passo pela rua do Theatro de S. Jannario, e acho-me na Praia de D. Manoel; ali esperava-me a maior das tribulações d'aquelles, que pretendem atravessar na Barca, fallo dos Falluciros. Misericordia! ah! ah! vem!

— Senhor vai pára S. Domingos?

— Pataca e meia, eu passa Senhor, pra Praia Grande.

— Não quero ir em falua, respondo já de bengalla no hombro, vendo vir novo reforço. Em poucos instantes vejo-me cercado sem poder dar um passo.

— Falua, Senhor? — A minha é mió. — Entra na minha, falta só uma pessoa; dois Jovens! — Senhó — Senhó! — A Barca ainda tarda! — Senhor está com pressa, vem!...

Um puxa-me pelo braço, outro pelas abas da casaca; e eu vendo-me empacientado puxo pela bengalla, abro caminho as caetadas, e chego na ponte. Faltava um quarto para as 9; a Barca ainda não tinha chegado.

A primeira pessoa que vi sentada em um dos bancos da coberta da ponte, foi uma mulher que já se tinha despedido havia muitos annos dos joelhos; tal era o tamanho da barriga. A seu lado um creolinho enfeitadinho como um macaco de feira, brincava; e no fim de alguns momentos deitou-se na barriga da mulher, e dormia. Um pouco mais adiante estava um velho de calças de ganga amarella, colête de riscado encarnado, e uma casaca que mais parecia capote. Tinha este velho na mão alguns jornaes que folheava de diante para traz, e de traz para diante: sem nunca achar o que procurava. Estavam mais algumas outras pessoas dos quaes me não recordo.

Puxo o meu testão, compro o bilhete; e encostado na ponte espero que chegue a Barca, e vejo assim mais a vontade as pessoas que entram. Tres Jovens, (como se diz agora.) que me pareceram Empregados, entravam conversando; porém não pude ouvir senão as palavras: «Pagode, e Madamismo.» Pareceu-me que estas duas palavras faziam o fundo da conversa, ainda que não me foi possível — advinhar a que proposito, fallavam elles dos Templos da India. Um sujeito que estava a meu lado, e a quem fiz esta observação, disse, que esta palavra estava agora muito em moda. Callei-me.

Um instante depois entrou uma velha pelo braço de um velho, e precedida de duas bellas mocetonas; os quaes foram-se assentar juncto da mulher barriguda. Chega um Frade Hespanhol; um Official de Marinha, e outros muitos que pelo numero não observei particularmente.

— Chega a Barca!

A este grito todos voltaram a cabeça, e encaminharam-se para as grades afim de espiar.

A Barca vinha correndo com velocidade, deixando no mar um rastilho branco; e um turbilhão de fumaça sahiu de seu cano.

— Foi bem feliz a invenção das Barcas, e Carros movidos pelo vapor: disse eu com os meus botões. É pena que não se possa também fazer Ministros de vapor; mesmo assim muitos haviam-se de queixar dos que aticavam o fogo nos Ministros vaporozos! Esta gente nunca está contente!

Atraca a Barca; sahe a gente que n'ella vem; abre-se a grade, e encaminhamos-nos todos para tomar logar.

Depois de eu ter entrado, seguindo sempre as duas moças, entra o Frade, seguido da mulher barriguda, trazendo o moleque pela mão; apenas tinham elles posto o pé dentro da Barca, que esta avançando-se com uma vaga, bate de encontro da ponte, faz — perder o equilibrio a ambos. O Frade cahé para traz, e encontrando no meio da queda — a mulher barrigada atira-a no chão, e cahé assentado em cima da barriga.

Ai! ai! gritava a pobre mulher estendida como uma tartaruga; ai! que morro!

O moleque chorava, uns gritavam que acudissem a mulher, outros riam-se; e o Frade levantando-se muito desconfiado foi-se assentar juncto do leme; a ordem restabeleceu-se; e continuou a entrar mais gente.

Já estava bom numero de pessoas assentadas, quando vi um rancho de moças dirigindo-se para nós; entram; e as minhas duas vizinhas (as mocetonas) levantam-se, e vão ao encontro das recém-chegadas.

— Adeos, meus Azedumes! Adeos minhas Teteias!.. Meus Enleños, como está!—Sempre veio!—Pois então, não lhe tinha dito!— Ora! eu pensei que Vosse estava me enganando! — Qual! — Ha muito tempo que não lhe vejo, minhas Teteias? — É verdade!... Os beijos ferviam, e eu com inveja de não ser também Teteia das meninas. Depois de fallarem muito com todo o desembaraço como se estivessem em suas cazas, assentaram-se, e fui tão feliz que fiquei no meio da Azedume e da Teteia.

A sineta tocou pela terceira vez, e a Barca largou. Dois sujeitos tinham ficado em pé, espiando muito admirados para o maquinismo.

Defronte de mim estava um sujeito fallando muito alto, e gesticulando fortemente. Pela conversa conheci que era um Deputado Provincial.

— Sim Senhor! dizia elle para o seu companheiro, que também me parecia Deputado: façam-se as pontes!

— Não te lembras, respondia o outro: não te lembras, que se não podem fazer muitas pontes sem que tragam outras muitas despesas! são preciso estradas, e estas não se fazem com pouco dinheiro.

— Não sei d'isto! retorquia o primeiro: façam-se as pontes! O Brasil precisa muito de pontes, sem pontes não pode haver prosperidade, e se não fizermos pontes temos breve uma revolução! Eu cá não voto senão pelas pontes!...

— É então! que tala mania! Deu-lhe para boa coisa! Quer este Senhor que se façam pontes por toda a parte, ainda que não sirvam senão para os viados, e pacas. Cada um sua mania!

— Pôm! Pôm!!... Volto a cabeça espantado, e vejo o Official de Marinha em pé no meio do convez, explicando a tomada do Forte de S. João de Ulloa.

— Aquí é o Forte; dizia elle levando o dedo á boca, e marcando com saliva um lugar no convez: aquí é a esquadra Franceza. Rompe o fogo na esquadra! Pôm! pôm! pôm! O Forte responde: pôm! pôm! pôm! pôm! pôm! E com as mãos fechadas, o bom do Official, dava soccos no ar, para mostrar mais ao vivo o fogo da artilheria. Depois de meia hora de fogo, continuou elle, uma bomba sahiu de um dos navios Francezes, e foi pelo ar, zem! zem! zem! Cahé no logar onde se guardava a polvora no Forte; prrrraumpatampampôôm! Tudo voou pelos ares. Não houve remedio senão renderem-se!

Ah! ah! ah!... As minhas vizinhas riam com tanto prazer, e tão immoderadamente que o homem-combate foi se esconder atraz da roda do leme.

Ouvia-se uma conversação geral de todos os lados da Barca; o susurro que ella occasionava não deixava distinguir uma em particular, e privado eu deste prazer voltei as vistas para a Teteia que na verdade estava um pouco bolicosa.

— Meus azedumes, você não tem vindo ao theatro?

— Ora! é tão incommodo!

— É verdade! é muito incommodo. Ainda eu tenho a caza de Maninha aonde ficar. Se tivesse de voltar na mesma noite de certo não iria ao theatro.

— Como está a Maninha? pergunta a Teteia desbruçando-se quasi por cima de mim.

— Está boa. Ella disse-me que Você era uma ingrata, e que não sabia que mal lhe tinha feito para que Você não apparecesse.

— Não é por ser ingrata! tenho andado sempre encommoada com os meus ataques nervosos!

— Você ainda não está melhor?

— Qual!!

Aquí foi a conversação das meninas interrompida pela voz do velho dos jornaes que os lia gritando: «Aluga-se uma boa ama de

leite própria para cria... » Dois rapazes que estavam junto do velho não o deixaram acabar com as suas risadas comprimidas. O velho guardou os jornaes no bolso, com muito máo humor, e disse rosnando: Os rapazes deste tempo são muito mal criados!

Já iamos defronte da Fortaleza de Villegagnon quando «os meus Enleios» principiou a enjoar. Que momos que fez! que cahidos! que me-deixes!

— Mamam! dizia a enjoada com voz compungida.

Tudo andava em um reboleço. A mãe toda desgrenhada dando aos diabos a Barca, faria chorar mesmo a um boi. Uma puxava d'aqui, outra d'acolá; e no fim de muitos suspiros, e aneias ficou a menina mais alliviada; e eu fui me escafedendo quando me vi metido no meio de tanta bullia.

Mas onde fui eu cahir! (Desgraçado de mim!) entre dois mentirosos.

— Olhe, dizia um delles: eu ia uma occasião para a Costa d'Africa, e quando já estávamos junto da costa o navio deu em um rochedo, e fez-se em pedaços. Morreram todos! só eu escapei pelo sangue frio que mostrei. Entre outras mercadorias, que levávamos iam alguns potes de barro. Logo que o navio tocou lanço um pote no mar e salto em cima d'elle em pé, levando outro na mão; boto este no mar um pouco mais adiante, e pizo-o com o pé direito, com o esquerdo dou um ponta-pé no pote que ficava atraz, este vem para diante, e eu dou uma passada; o mesmo fiz com o outro pote; e de ponta-pé em ponta-pé cheguei a terra sem ter molhado nem ao menos as solas do sapato.

— Com effeito esta é boa! não ha duvida! responde o outro: porém não se admire do que lhe aconteceu, que a mim aconteceu uma melhor. Um dia vinha eu do Porto da Estrella em uma falúa carregada de moringues. Um tufão de vento volta a falúa, e todos nós fomos para o mar. Nem eu nem as outras pessoas que vinham sabiam nadar; porém uma circumstancia livrou-nos da morte. O mar ficou coalhado de moringues, e cada um de nós agarrou no seu. A agua entrava pelos bicos, glou! glou! glou! e quando o moringue se enchia, e ia ao fundo, nós lançavamos mão de outro. Só eu botei ao fundo mais de 50; porém chegamos á terra com vida.

— Tambem é boa! é boa!... disse o primeiro um pouco desconfiado.

No meio destes, e outros casos que a falta de espaço não permite numerar, chegamos á ponte da Praia-Grande. Ah! ia a mãe das meninas escapando de cahir no mar; felizmente só se assustou. A enjoada achou logo

o braço de um cavalheiro para ajuda-la a caminhar. Ha gente que se aproveita de tudo! Eu caminhei para casa do amigo a quem ia vizitar, donde voltei as 5 horas da tarde na Barca, e em cuja viagem me aconteceram casos que por outra vez publicarei.

L. C. M. PENNA.

O DESENGANO.

Não mais me digas
Que Tu me adoras.
É que na ausencia
Só por mim choras:
Si o que dize, fosse assim.
Tudo deixaras por mim.

Doces palavras
Que me enganaram.
Olhos tão bellos
Que me encantaram.
Vosso magico poder
Já não me causam prazer.

Grata esperança
Só me nutria,
No meigo sonho
Em que vivia.
Enfim os olhos abri.
E de dôr estremei.

Foram-se os sonhos,
Foi-se a esperança;
Minha alma agora
Já não descansa,
Procurando, mas em vão.
Abrigo n'esta afflicção. M.

CHARADA.

Giro — 1

Peço — 1

CONCEITO.

Sou amada, sou querida.
Sou volúvel e inconstante:
Comigo sommas gastão,
Pois venho de terra distante.

O rico sempre me quer;
O pobre me não recusa.
A mocidade me adora,
Só a velhice me accusa.
Na China me não querem;
Na Turquia vou entrando:
Já a mesma velha Asia
Vai-se-me avassallando.

A significação da 2.^a charada do N.º 13 é *Cavatina*. — *Sófia* e *Marfim* é a significação das duas charadas inseridas no N.º 14.